



RUÍNAS DE ANTIGO hospital na Ilha da Pólvora. Local tem pichações e é frequentado por alguns grupos de praticantes de paintball

BAÍA DE VITÓRIA

Aventuras e mistérios em ilhas

Equipe de A Tribuna fez uma expedição pelas ilhas da Baía de Vitória e encontrou belezas naturais, ruínas e muitas histórias

Any Cometti

Subidas íngremes, mata fechada e ruínas. Pedras, cachorros, um barquinho em meio a fortes ondas e muitas histórias. Esse foi o cenário que a equipe de reportagem de **A Tribuna** encontrou em uma expedição por seis ilhas na Baía de Vitória.

Eram 7 horas quando a equipe embarcou para descobrir as histórias e mistérios das ilhas que rodeiam a capital.

Uma delas é a Ilha da Pólvora, onde há ruínas de um antigo sanatório. O lugar tem aspecto sombrio. A paisagem é cinzenta, com

paredes quebradas e sinais de desgaste do tempo, mas pichações e lixo indicam que recebe visitantes.

É na Baía de Vitória que o rio Santa Maria deságua no mar, e o sentido dele foi seguido pela expedição, que saiu do píer da Colônia de Pescadores da Praia do Suá.

O guia foi o pescador Belmiro Martins da Silva, o Mirinho, que tem 64 anos, sendo 50 de pesca. É dele o barco a motor Monte Pascoal, que enfrentou as quase seis horas de viagem entre as ilhas.

O barquinho dançou nas ondas de navios e rebocadores até passar sob Terceira Ponte. O objetivo era desembarcar na Ilha dos Práticos, próximo à Praia do Ribeiro, em Vila Velha. Mas Mirinho avisou: “É muito raso, o barco encalha. Para chegar perto, só de barco a remo”.

Ao avistar a ilha, cachorros soltos na praia à frente de uma casa reagem ao barulho do motor do barco com latidos. De longe, a casa tem um grande gramado com coqueiros à frente, que separam a

construção de uma pequena praia.

Mirinho disse que uma família mora no local e, durante o dia, eles trabalham e estudam em Vila Velha.

O paradisíaco cenário é constante nas ilhas seguintes. A expedição toma sentido contrário, em direção à nascente do rio. As próximas ilhas são a das Cobras e a das Pombas. O encontro do rio com o mar faz com que ali seja uma área de manguezal, permeada por pequenas praias.

A Ilha das Cobras é frequentada por pescadores de fim de semana. Um deles, Altair Galina, 54, contou que lendas cercam o local. “Dizem que um preso morava com a família no alto da ilha e tomava conta”.

As ilhas têm morros íngremes e mata fechada, o que impede o acesso à parte alta. De acordo com o geógrafo Willis de Faria, elas têm a mesma origem das ilhas que compõem a cidade de Vitória. “No projeto Novo Arrabalde, de 1896, quase todas as ilhas que compõem a grande Ilha de Vitória foram aterradas”, explicou.



RUÍNAS de hospital na Ilha da Pólvora que foi desativado na década de 1990

“Ilha do Medo” tem ruínas de antigo sanatório

Por volta de meio-dia, a última parada da expedição pela Baía de Vitória foi na Ilha da Pólvora. Lá, ficam as ruínas do antigo Hospital de Isolamento, um sanatório que foi desativado na década de 1990 e tratava pacientes com hanseníase. Por isso, ficou conhecida como “Ilha dos Leprosos”.

“Ilha do Medo”. Assim o local, que fica nas proximidades de Santo Antônio, em Vitória, também é descrito na antiga rampa de acesso.

O cenário é perturbador: a construção está com paredes caídas e buraco nos rebocos. Quase não existe mais teto e há árvores caídas, muito lixo, pichações e marcas de tiros de paintball, esporte em que os oponentes atiram bolas de tinta entre si.

Dentro das ruínas, há pichações que indicam, com setas, direções para o “inferno”, o “enfermo” e pa-

ra o “necrotério”. Também é possível ouvir o ranger dos ferros e da madeira usados na construção.

Há, ainda, indícios de presenças recentes no local. Nas paredes, há mensagens escritas que datam, inclusive, do ano de 2015.

O pescador Belmiro Martins da Silva, o Mirinho, de 64 anos, disse que, quando era jovem, levava ingredientes para que fossem preparadas as refeições servidas no hospital. “Não me deixavam entrar por causa da doença, e nem eu queria entrar”, lembrou.

Atualmente, o sanatório Oswaldo Monteiro e a Ilha da Pólvora não constam registrados em cartório como propriedades do Estado, como informou a Secretaria de Estado de Gestão e Recursos Humanos (Seger). Por isso, a Seger considerou que não é viável desenvolver projetos na área.

PARAÍSO E MATA FECHADA



Ilha dos Práticos

A Ilha dos Práticos, também conhecida como Ilha da Baleia, fica próximo à Praia do Ribeiro, em Vila Velha. Hoje, tem uma casa com quintal, onde mora uma família, e uma pequena praia.

O local já atraiu interesse de compra por parte da apresentadora Xuxa Meneghel.



Ilha das Cobras

A Ilha das Cobras está localizada na Baía de Vitória, entre os bairros Bento Ferreira, na capital, e Glória, em Vila Velha. Ela é composta basicamente de pedras, uma pequena praia e um morro, que é íngreme e tem mata muito fechada. Há, no local, ruínas de uma antiga construção e um poço.

Cidades

BAÍA DE VITÓRIA

Conforto da modernidade em casa no Penedo

Viver na tranquilidade de uma ilha é quase uma realidade para o servidor público Aguinaldo de Moura, 63, que mora em uma casinha aos pés do Penedo, localizado em Vila Velha.

O Penedo não é uma ilha, mas o principal acesso à casa de Aguinaldo é pelo mar.

Só não é possível dizer que ele vive isolado: no Penedo, ele tem energia elétrica, telefone celular, televisão e internet. Resumindo: praticamente todos os confortos da vida moderna no sossego de uma ilha.

Também tem a companhia de três cães da raça rottweiler: Eros, Marita e Zabelê.

Aguinaldo é servidor da Prefeitura de Vila Velha e, além de ser gestor do Monumento Natural Municipal Morro do Penedo, leva esportistas ao local com seu barco-táxi.

A TRIBUNA – Por que foi morar no Penedo?

AGUINALDO DE MOURA – Eu nasci em Colatina e, aos 19 anos, vim tentar a vida na cidade grande. Trabalhei no comércio, mas não me adaptei à rotina e fui ser pescador. Aqui, tinha uma casa vazia, e eu me ofereci para ser o caseiro.

Na época, foi feito um contrato com os donos que estabelecia que se eu trabalhasse aqui por 20 anos, metade da propriedade seria doada a mim, o que foi cumprido. Recentemente, o antigo dono também doou a outra metade.

> Então a propriedade está no seu nome?

A propriedade está no meu nome. Ainda não chegamos na fase da solução da questão fundiária, mas o Monumento Natural é um tipo de unidade de conservação que permite moradores.

> Como é o acesso a serviços?

Hoje, temos janelas para tudo: TV, internet, telefone celular e energia elétrica. Todo o conforto da vida moderna. Para qualquer serviço que preciso, como padaria, farmácia e supermercado, é só

“Hoje, temos janelas para tudo: TV, internet, telefone celular e energia elétrica. Todo conforto da vida moderna”

Onde ficam As ilhas visitadas por A Tribuna



AGUINALDO, com seu rottweiler Eros. Ele leva esportistas ao Penedo

atravessar de barco. O comércio fica todo próximo.

> Como se tornou o gestor do Monumento Natural Morro do Penedo?

Partiu de nós, dos movimentos sociais, a iniciativa de transformar o local em uma unidade de conservação. Como é uma área muito valorizada, vizinha ao porto, a pressão imobiliária era muito grande.

Acreditamos que a única maneira de realmente proteger o local seria transformá-lo em uma unidade de conservação. Durante a articulação, concluímos que eu, que vivo aqui, seria a melhor opção como gestor da unidade.

> E como organiza os passeios ao local?

Tenho um barco-táxi, com o qual eu busco no continente e trago até aqui os aventureiros que praticam trilha, rapel e escalada, principal atividade no Morro do Penedo.

“Eu gosto de solidão, de estar só. Aqui é o meu canto no planeta, é o meu lugar”

> Se fizessem uma proposta: trocar esse lugar por uma boa casa na cidade, o senhor toparia?

De jeito nenhum! Só vejo vantagens em morar aqui. Não é todo mundo que tem o espírito para viver da maneira que eu vivo. Tem pessoas que gostam da agitação da cidade grande. Eu gosto de solidão, de estar só. Aqui é o meu canto no planeta, é o meu lugar. Eu não critico quem tem outros estilos de vida e mora na cidade. Mas, para mim, não dá. Se eu tivesse que escolher, escolheria estar exatamente onde estou.

SAIBA MAIS

O arquipélago de Vitória

A Ilha de Vitória é formada por um arquipélago composto por 33 ilhas e por uma porção continental, totalizando 93,38 quilômetros quadrados.

“O que se chama de Ilha de Vitória é, na verdade, um arquipélago, formado por ilhas ou por antigas ilhas que desapareceram após o aterro, como a Ilha de Santa Maria, a de Monte Belo, a do Bode e a do Sururu. A maior parte delas foi objeto de aterro, desde o centro de Vitória até a Enseada do Suá”, apontou o geógrafo Willis de Faria, que estuda as ilhas de Vitória.



FRANCISCO tece rede para pesca, um de seus meios de sustento na ilha. “Os peixes diminuíram muito com essa seca, antes tinha muito mais”, conta

Zelador vive sozinho sem energia elétrica

Na Ilha Dr. Américo de Oliveira, sobre a qual passam fios e torres de energia, a residência do zelador Francisco de Assis Rocha ainda não tem eletricidade.

“Eu gosto muito daqui. Mas queria energia para a casa, já que ganhei uma geladeira e um freezer e não posso ligar”, disse.

A ilha Dr. Américo fica próxima ao bairro Santo Antônio, em Vitória. Ela é de propriedade dos herdeiros do médico Américo de Oliveira, mas é Francisco quem cuida do local. Apesar de ter uma casa em Porto de Santana, Cariacica, é ali que o aposentado prefere ficar na maior parte do tempo.

Francisco é mais conhecido pelo apelido: Capivara. “Quando eu trabalhava nas margens do rio Santa Maria, eu vendia carne de capivara, porque naquela época podia”, explicou.

Seu Francisco nasceu em Linhares. Não soube informar a data, mas garantiu que foi há quase 80 anos. Contou que não sabe ler, mas se recorda muito bem da data em que foi morar na ilha: 10 de setembro de 1996, há quase 19 anos.

Ele contou que já foi casado

duas vezes e que a última mulher chegou a morar com ele na ilha. Francisco não teve filhos e hoje vive sozinho.

“Mas tenho uma vizinha que, quando fico três dias sem aparecer em Porto de Santana, ela vem ver se estou bem”, contou.

Quando a expedição de **A Tribuna** chegou à ilha, Francisco tecia uma rede, ofício que aprendeu com o pai, aos 4 anos de idade, e que hoje garante um acréscimo ao salário mínimo que recebe como aposentadoria.

“Eu sempre fui pescador”, disse, com orgulho. “Estou passando uma ‘necessidadezinha’, porque não tenho como pescar. Os peixes diminuíram muito com essa seca, antes tinha muito mais”.

Na ilha, árvores como mangueiras e castanheiras foram plantadas pelo próprio Francisco. Com uma vida tranquila e a companhia de 15 cachorros, a única reclamação do zelador é sobre a ausência de passarinhos no local.

“Tem um gavião que vem comer os passarinhos. Por isso, quase não tem passarinho aqui!”, reclamou, sorrindo.

“Não existe propriedade privada em uma ilha”

“Não existe propriedade privada em uma ilha”. Quem afirma é o superintendente do Patrimônio da União no Estado, Magno Pires.

As ilhas são definidas como bens da União na Constituição de 1988, em seu artigo 20, inciso IV. O superintendente explicou que o ocupante de uma ilha nunca vai ter a propriedade plena do local.

“A ocupação em bens da União não é passível de usucapião e o ocupante somente poderá ser regularizado se atender aos requisitos da legislação patrimonial”, apontou Pires.

Ele explicou que, para ocupar uma ilha, o cidadão precisa comprovar, com documentos e construção de benfeitorias, que ocupa o local desde uma data anterior a 26 de abril de 2006; comprovar a ocupação sucessiva do local desde o ano de 1940; ou, ainda, adquirir um domínio útil da União, por meio de processo licitatório.

Quando a área é aforada – o que significa que a pessoa tem um documento permitindo o uso do imóvel na ilha –, 17% do terreno continuam sob responsabilidade da União e 83% passam a ser do

JUSSARA MARTINS - 22/02/2011



MAGNO PIRES: “Bem é da União”

dono, que tem uma concessão para ocupação do domínio útil da propriedade, como esclareceu Pires.

De acordo com o advogado especialista em direito imobiliário Arnaldo Brasil Fraga, há casos diferentes de ocupação de ilhas, com particularidades. Por isso, devem ser analisados individualmente.

“As regras de ocupação da ilha são semelhantes às regras de ocupação dos terrenos da União no continente”, explicou o advogado.

“Os decretos de utilização do bem da União não têm nada específico para as ilhas. É uma área muito aberta, com muitos ramos e casos variados”.